

Sob pressão, Campos Neto vê 'perda de flexibilidade' com troca de meta

— Em entrevista ao programa 'Roda Viva', presidente do BC rebate críticas de Lula a juros altos e diz que uma mudança agora pode provocar 'efeito contrário ao desejado'

ADRIANA FERNANDES
BRASÍLIA
LUIZ GUILHERME GERBELLI
SÃO PAULO

O presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, disse ontem que uma mudança da meta de inflação teria como "efeito prático a perda de flexibilidade", em resposta às críticas que tem recebido do governo Lula por conta do atual nível de juros. Em entrevista ao programa *Roda Viva*, a primeira desde que está sob fogo cruzado do próprio presidente Luiz Inácio Lula da Silva, de ministros e do PT, Campos Neto defendeu "aperfeiçoamento" no sistema de metas, mas disse que em nenhum momento isso significa revisar o patamar deste e do próximo ano para o controle da inflação.

efeito contrário ao desejado".

HARMONIA. Chamado por Lula de "esse cidadão", Campos Neto disse no *Roda Viva* que só esteve com Lula uma vez, no dia 30 de dezembro – portanto, antes da posse – e que fará "o que estiver ao seu alcance para aproximar o Banco Central do governo".

Disse ainda que o resultado das eleições foi legítimo e que nunca fez campanha, mas que desenvolveu "proximidade" com integrantes do governo Bolsonaro ao justificar participar de um grupo de WhatsApp

formado por ex-ministros.

"Eu tive uma reunião com ele (Lula) no dia 30, e gostaria de ter outras reuniões para explicar o que a gente está fazendo, qual é a razão pela qual nós temos juros altos, a parte social. Tem muita coisa que a gente ainda pode desenvolver. O Banco Central precisa trabalhar com o governo. O ambiente colaborativo é o melhor para a sociedade e para o Brasil", disse. Ele também afirmou que procurou ministros para conversar e disse que está disposto a ir ao Congresso para explicar as decisões do banco.

Ele defendeu a autonomia da instituição como "instrumento de governança" e afirmou que, apesar dos ataques pessoais, não renunciará ao seu mandato, que vai até dezembro de 2024. Campos Neto justificou que a política monetária é uma decisão colegiada e que, se ele cair, nada irá mudar na trajetória dos juros.

PLANO HADDAD. Apesar das divergências, Campos Neto reconheceu que a aprovação do chamado Plano Haddad pelo Congresso antes da próxima reunião do Copom, em 21 e 22

de março, encurtaria o período de juros no atual patamar, de 13,75% ao ano, considerados ontem por Haddad como "fora de propósito". Para o presidente do BC, o fiscal é um dos "problemas crônicos" do País que justificam esse patamar. Entre as medidas do pacote, está a mudança no voto de Minerva do Carf, que permite ao governo reforçar a arrecadação, já que o desemprego em disputas tributárias com o Fisco seria da Fazenda. ●

Sinalização

Presidente do BC diz estar disposto a conversar com Lula e que é preciso 'traballar juntos'

"A gente acredita que, se faz uma mudança de meta no sentido de ganhar mais flexibilidade, o efeito prático vai ser perder flexibilidade", afirmou ele sobre a trajetória da Selic.

Neste ano, a meta é de 3,25%, enquanto que para 2024 é de 3%. O patamar é definido pelo Conselho Monetário Nacional (CMN), que, além de Campos Neto, é formado por Fernando Haddad (Fazenda) e Simone Tebet (Planejamento). A mudança no percentual defendida pelo governo permitiria uma inflação maior e abriria, em tese, caminho para uma queda mais rápida dos juros.

O presidente do BC disse discordar do grupo de economistas que considera a meta atual muito difícil de ser atingida por ter sido fixada num momento de inflação mundial baixa, em razão dos efeitos da pandemia da covid-19 na economia. Ele afirmou que se encaixa em outra corrente, para quem uma mudança neste momento, "sem ter um ambiente de tranquilidade, vai gerar um

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Economia e Negócios **Caderno:** B **Página:** 1